

# PERSPECTIVAS PSICANALÍTICAS SOBRE AMOR E LAÇOS SOCIAIS NA MODERNIDADE A PARTIR DA OBRA ``AMOR LÍQUIDO`` DE ZYGMUNT BAUMAN

*Lucas de Oliveira Alves*<sup>1</sup>

## RESUMO

O presente trabalho propõe uma aproximação teórica entre o saber da psicanálise e a obra do sociólogo Zygmunt Bauman. Partindo das elaborações de Bauman acerca do conceito de amor líquido e seguindo as trilhas de Freud e Lacan, em suas construções teóricas sobre a dimensão e vicissitudes do significante amor, busca-se escutar e interrogar as ressonâncias do amor líquido nas subjetividades e nos laços sociais que se constituem na modernidade. Ademais, ressalta-se que esse trabalho não busca desenvolver um comparativo entre as duas correntes teóricas, mas promover uma interlocução entre ambas.

**PALAVRAS-CHAVE:** Amor. Desejo. Modernidade. Psicanálise. Zygmunt Bauman.

---

<sup>1</sup>Graduado em Psicologia pela UNISUL. Mestrando em Psicologia Social e Cultura na Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). Participante de Maiêutica Florianópolis - Instituição de Psicanálise. Cel. 99615-5984. E-mail: lukass.oliveira@hotmail.com .

“O amor é um laço contra o qual qualquer esforço humano viria a se esfacelar. Um exército composto de amantes seria invencível, pois para o amante, o amado representa a mais alta autoridade moral, símbolo de honra e de seu derradeiro sacrifício” (Lacan, 1992, p. 52).

“É isso, o amor. É o seu próprio eu que se ama no amor, o seu próprio eu realizado ao nível imaginário” (LACAN, 1986, p. 189).

## INTRODUÇÃO

O amor é um significante. Escapa à significação, desliza, produz efeitos, interpela sujeitos. Fala-se sobre o amor desde que se ama. Ele é histórico, dialético, discursivo, subversivo. Desde a Antiguidade, está na letra e no ato. Na “Ilíada” de Homero, no “Banquete” de Platão. Deflagra guerras, transcende territórios e epistemes. Está nas artes, nas ciências, na ética e na psicanálise.

Freud, investigando aquilo que interrogava o saber médico da era vitoriana – os sintomas histéricos - deparou-se com o amor no espaço clínico. O médico austríaco percebeu que o sofrimento das histéricas e dos neuróticos, revivido na relação com o analista, estava inelutavelmente articulado a uma narrativa amorosa.

No contexto social atravessado pelos discursos de maio de 68 e seus desdobramentos nas esferas públicas e privadas, teóricos das ciências humanas perscrutam o significante amor e sua inserção nos espaços e configurações da modernidade. Dentre esses teóricos, destaca-se o sociólogo Zygmunt Bauman e sua obra “Amor Líquido: Sobre a Fragilidade dos Laços Humanos”. Obra centrada na problematização do amor em uma sociedade marcada pelo consumismo, pela indiferença e pela busca de prazeres instantâneos.

A psicanálise é constituída por suas interlocuções com diferentes campos epistemológicos. O espaço clínico nunca pode se outorgar o direito de circunscrever suas *práxis*, pois tal como em uma fita de *Moebius*, onde a distinção entre dentro e fora se desvanece, os fenômenos da clínica estão articulados ao que ocorre extramuros.

Historicamente, de Freud à Lacan, passando por seus diversos sucessores, a psicanálise se volta para as questões sociopolíticas. Seu corpo é permeado pela literatura, pelas ciências sociais, biológicas, artes plásticas, linguística, cinema e por tudo aquilo da ordem da cultura que incide sobre o sujeito. Dessa forma, pretende-se, tendo como instrumento, concepções psicanalíticas sobre amor e laço sociais, escutar, interrogar e intervir sobre algumas características levantadas por Bauman acerca do amor líquido.

## **BAUMAN E AS RELAÇÕES AMOROSAS MODERNAS**

Na obra “Amor Líquido”, Bauman problematiza a incidência de discursos e tecnologias da modernidade sobre os laços sociais. Dividida em quatro capítulos e fragmentada em pequenos textos contextualizados a partir de trechos da literatura, declarações da mídia e recortes de reportagens, o sociólogo convida o leitor a refletir sobre as vicissitudes do amor em um contexto sociopolítico erigido e permeado pelo significativo “globalização”.

Neste novo universo, emoldurado pelos discursos alinhados a significantes-mestres, tais como a já mencionada “globalização” e outros como “felicidade”, “saúde” e “economia”, emergem novas maneiras de perceber o tempo, o espaço, buscar prazeres e relacionar-se com o outro - amigos, familiares, amantes, vizinhos, estrangeiros e toda sorte de alteridade em sua dimensão identitária.

O termo “líquido”, com o qual o autor adjetiva o amor, está presente em muitas de suas obras. A “liquidez”, ou “fluidez”, caracteriza todas as relações da modernidade: econômicas, políticas, culturais, amorosas e as diversas relações de poder.

No livro “Modernidade Líquida”, Bauman (2000) apresenta o conceito de liquidez como uma metáfora que nos auxilia a compreender a atual conjuntura global de relações, pautadas em uma lógica de hipervalorização das liberdades individuais e do consumismo, a qual, se contrapõe aos controles estatais e econômicos sólidos de décadas atrás. Para o autor, transitamos do capitalismo pesado para o capitalismo leve.

É a partir dessa lógica de liquidez que o autor desenvolve sua obra/conceito *amor líquido*, traçando paralelos entre as relações amorosas e as dinâmicas de consumo na modernidade, perpassando questões como o lugar da família, a posição da sexualidade, da comunicação humana e do estrangeiro.

No primeiro capítulo, de modo a elucidar as transformações que correram nos laços de parentesco na modernidade líquida, Bauman (2009, p. 43) se vale da experiência de Antígona<sup>2</sup>, cotejando-a às experiências da atualidade. O autor cita a seguinte fala da personagem na obra: “Oh, mas eu não teria feito a coisa proibida/ Por nenhum marido, nem por nenhum filho/ Para quê? Eu poderia ter tido outro marido e

---

<sup>2</sup>Personagem mítica da peça homônima escrita por Sófocles no século V a.C. Antígona, fruto da relação incestuosa entre Édipo e Jocasta, desafia a lei do Estado, encarnada no rei de Tebas Creonte, e proporciona um enterro digno a seu irmão. Ela acaba sendo condenada à morte pelo ato.

por meio dele outros filhos;/, mas perdidos o pai e a mãe, onde eu conseguiria outro irmão?”

Antígona, no mito de Sófocles, dedica-se, subversivamente, à família, enfrentando o Estado pelo direito de sepultar seu irmão. Sua dedicação parte de uma concepção sacra da família, posto que essa, se constitui a partir desígnios de Deus. A relação fraterna da personagem simboliza o paradigma da pré-modernidade, signatário da solidez e da inviolabilidade dos laços familiares.

Nas relações modernas, respectivamente de acordo com Nietzsche e Bauman, deus está morto e não usa celular. As concepções de família se alteraram, estão horizontalizadas, laicas e fluidas.

Perscrutando o conceito de relações de bolso e as trilhas da intimidade na modernidade líquida, Bauman discute a problemática do “sexo em si”, levantada por Erich Fromm. O sociólogo comenta: “Agora, espera-se que o sexo seja autossustentável e autossuficiente, que se “mantenha sobre os próprios pés”, para ser julgado unicamente pela satisfação que possa trazer por si mesmo” (BAUMAN, 2009, p. 63).

Ao desvincular o sexo da experiência amorosa, a sociedade moderna rompeu com o paradigma matrimonial da sociedade vitoriana. Na modernidade, o sexo está exposto na vitrine. Seu consumo faz-se imperativo como forma de dirimir os efeitos do desemprego.

Apostando na análise da esfera macropolítica da modernidade líquida, o autor discorre, ainda, sobre os produtos indesejados da globalização: o lixo humano, encarnado na figura dos sem-teto, sem-terra, dos “criminosos” dos guetos, dos refugiados e dos migrantes econômicos. Nos atuais enquadramentos, estas figuras são consideradas os agentes do medo e da insegurança. São os elementos da exceção que, paradoxalmente, compõem a regra.

Nos campos de refugiados, o autor aponta para algumas características que sinalizam as tendências constitutivas da modernidade líquida, a saber: o avanço da extraterritorialidade, a perda de sentido do lugar, a fragilidade e a descartabilidade dos meios, a indeterminação e a plasticidade das identidades e a permanência da transitoriedade. Os campos não pertencem a uma nação, eles representam, portanto, um não-lugar, uma suspensão no espaço e no tempo (BAUMAN, 2009, p.168).

## **BREVES CONCEPÇÕES PSICANALÍTICAS ACERCA DO AMOR**

Freud, em seu percurso teórico-clínico, se defrontou com uma questão premente na relação com seus pacientes – os afetos que estes dirigiam ao analista. Invariavelmente, Freud e outros analistas, deparavam-se com situações de difícil manejo na clínica. Diante de um quadro de diminuição dos sintomas, os pacientes começavam a agir de maneira hostil ao tratamento e centrar sua fala na figura do analista, atribuindo-lhe predicativos puros de ambivalência afetiva.

Esta reação negativa do paciente ao trabalho analítico foi chamada por Freud de *resistência*. Ela surge no momento do desvelamento de alguns conteúdos reprimidos, e apresenta-se como um aspecto inextrincável da transferência estabelecida entre analista e analisando.

A resistência e a transferência permitiram à Freud, propor algumas considerações sobre o amor. O autor afirma que o estado amoroso tem um caráter repetitivo. Ele reproduz protótipos infantis, fantasias primevas que o *infans* estabeleceu com seus primeiros objetos amorosos – as figuras parentais. O amor se manifesta no âmbito da compulsão e está sempre no liame daquilo que poderia ser chamado patológico. Ele implica, seja no espaço clínico ou extramuros, um afastamento da norma, um ponto de subversão (FREUD, 1912 [2006], p. 185-186).

Lacan retoma a temática do amor transferencial no seminário 8 e, assim como Freud, ultrapassa a circunscrição da discussão clínica. Desenvolvendo parte da discussão em torno da obra “O Banquete”, o autor vale-se dos enunciados dos pensadores de modo a interrogar e responder algumas questões da transferência e do amor. No referido Seminário “A Transferência” (1960-61/1992, p. 57), o autor discorre da seguinte maneira sobre o amor: “O amor como significante – pois, para nós, ele é um, e não mais que isso – o amor é uma metáfora – na medida em que aprendemos a articular a metáfora como substituição.”

Acerca da propriedade significativa do amor, lê-se também: “O amor é um fato cultural. Não se trata apenas de quantas (sic) pessoas nunca teriam amado se não tivessem ouvido falar do amor, como articulou muito bem La Rochefoucauld, mas que nem se cogitaria falar de amor se não houvesse a cultura.” (LACAN, 1962-63/ 2005, p. 198).

Neste sentido, Freud (1921/2006, p. 115), comenta: a linguagem permanece fiel a uma certa realidade. Dessa forma, nomeia-se de “amor” diferentes tipos de relações emocionais que já foram agrupados teoricamente como amor, não obstante,

sempre reste, por parte daquele que ama, uma certa dúvida sobre a veracidade e a genuinidade do sentimento.

Depreende-se que o amor advém como dinâmica afetiva e laço social, a partir de sua nomeação, de sua inserção no universo simbólico. Sua concepção na realidade precisar passar pela materialidade da linguagem. Há que se ter um discurso outro, prévio ao sujeito, que outorgue e oriente uma apreensão subjetiva do significante amor.

Lacan (1960-61/1992, p. 46), com base na discussão de Sócrates, Alcebíades e Agaton no banquete de Platão, comenta: o que caracteriza o amante, érástès, é aquilo que lhe falta, a marca da castração que lhe é inconsciente – algo lhe falta, mas ele não consegue nomeá-lo. Já o objeto amado, érôménos, é aquele que não sabe o que tem e faz o outro desejá-lo. Nesta hiância, aquilo que falta a um não é o que existe, escondido, no outro.

Amado e amante são seres faltantes que só podem oferecer a falta - *aquilo que não se tem* - a alguém que espera a completude - *aquilo que não receberá*. A posição de amante/desejante, amado/desejado constitui uma dialética, pois ambos encarnam a falta e a pressuposição da posse do objeto.

Abordando o tema do narcisismo enquanto elemento constituinte do sujeito, Freud analisa os tipos de escolhas objetais possíveis na esfera do amor. Compreendendo o narcisismo como um investimento libidinal sobre o *eu*, o psicanalista o toma como condição *sine qua non* para o amor, assim como efeito deste. No enlace de sua célebre expressão “*His Majesty the Baby*”, Freud (1914/2010, p. 36) comenta que o amor dos pais está implicado no renascimento de seu narcisismo, transformado em amor objetal. Ou seja, toda a libido que as figuras parentais outrora investiram no seu *eu* (em si), no período do seu narcisismo infantil, agora é investida no bebê.

Freud, no decorrer do texto, identifica dos tipos de libido: a libido do eu e a libido objetal, ou seja, a libido investida nos objetos externos. Distinção que parece se diluir em algumas elucubrações e, efetivamente, se desvanece com Lacan a partir da tópica do imaginário.

Freud, (1914), textualmente, esclarece que o desenvolvimento do *eu* consiste num distanciamento do narcisismo primário. A libido que era totalmente investida no *eu*, dirige-se para um *Ideal do Eu* que será buscado numa exterioridade, em um outro. Deste distanciamento, o autor elenca duas possibilidades ou tipos de escolhas

objetais amorosas: a narcísica - onde o sujeito busca o que ele mesmo é, foi, gostaria de ser e a pessoa que foi parte do seu próprio eu; e a escolha do tipo de apoio - onde ele busca a mulher nutriz ou o homem protetor, ou seja, as projeções das figuras parentais (FREUD, 1914/2006, p. 36).

Lacan dirá que o tipo de apoio é tão imaginária quanta a escolha narcísica, pois está fundada em uma inversão da identificação. Analisando o artigo de Freud acerca do narcisismo, Lacan irá apontar, ainda, para uma noção de equivalência entre a libido do eu e a libido objetal, ressaltando que esta equivalência, a despeito de sua distinção conceitual, já estava marcada no percurso do texto freudiano (LACAN, 1953-54/1986, p. 177).

Apropriando-se da máxima de Rimbaud de que o “eu é um outro”, Lacan, a partir do estádio do espelho, assevera que o *eu* se constitui por meio da imagem do outro. A imagem do outro precisa ser reconhecida e libidinizada para que o eu se precipite como função. Neste sentido, assevera: “uma unidade comparável ao eu não existe na origem, não está presente desde o início no indivíduo, e o *eu* tem de se desenvolver. As pulsões autoeróticas, ao contrário, estão lá desde o início” (LACAN, 1953-54/1986, p. 156).

Diluindo as fronteiras do eu e do outro, Lacan avança na teoria freudiana do narcisismo, solucionando os impasses das incipientes distinções propostas para os tipos de libido e os tipos de escolhas amorosas: narcísicas ou de apoio. Há, a priori, pulsões autoeróticas, mas não há um eu. O *eu* só advém a partir do outro – o *eu* é um outro, logo, toda escolha objetal é narcísica. Lacan sublinha:

A estrita equivalência do objeto e do ideal do eu na relação amorosa, é uma das noções mais fundamentais na obra de Freud, e a reencontramos a cada passo. O objeto amado é, no investimento amoroso, pela captação que ele opera no sujeito, estritamente equivalente ao ideal do eu. (LACAN, 1953-54/1986, p. 170).

No esteio dessa discussão, Rosa (2003, p. 119) comenta: “No amor, o amante confere ao amado o poder de completar o que nele falta, mas não porque o outro tem o que lhe falta, mas porque o sujeito o idealiza. O idealiza como outrora idealizou a si mesmo, quando fantasiava ser um eu ideal”.

. A qualidade do *ideal do eu* é estar sempre além da função do eu. Disso decorre, de maneira equivalente, a impossibilidade de encontrar a completude no objeto amado. Há sempre algo que escapa, uma não-totalidade. Freud (1921/2006, p. 106), utiliza o símile de Schopenhauer sobre os porcos-espinhos para tratar do caráter

problemático dos encontros e vínculos afetivos. Os porcos-espinhos, em um período de frio intenso tiveram que se aproximar para se manterem aquecidos, mas seus espinhos começaram a machucar uns aos outros, logo, eles precisaram se afastar. Depois de algumas tentativas de aproximação movidas pela necessidade, eles encontraram uma distância intermediária onde a coexistência se tornou tolerável.

O romance dos porcos-espinhos é paradigmático, pois revela um mal-estar intrínseco aos encontros. Uma impossibilidade de fazer laços sem enfrentar desafios ou sofrimentos. Freud redimensiona as (im)possibilidades dos ideais narcísicos projetados nos encontros e nas uniões à esfera do tolerável. Aponta para um entrave permanente, um resto inapreensível das relações do *eu* com o *outro* e do *nós* com *eles*.

## O AMOR LÍQUIDO NO DIVÃ

Analisar o amor, independentemente de sua propriedade material, demanda uma escuta aos discursos que o tangem. O amor líquido é um conceito sociológico, abarca diferentes perspectivas e âmbitos das relações humanas: das relações sexuais entre parceiros casuais às relações da *pólis*, perpassando miríades de possibilidades gregárias da modernidade.

Bauman (2009, p. 19) argumenta que as pessoas tendem a chamar de amor muitas de suas experiências de vida, tais como noites avulsas de sexo e encontros fortuitos do cotidiano. Em função da alteração das estruturas de parentesco atreladas aos antigos padrões de amor, houve uma facilitação dos testes pelos quais uma experiência deve passar para ser chamada de amor.

Na qualidade de construção sócio histórica, o amor oscila entre possibilidades de sentidos e modulações afetivas. No período vitoriano, o amor atrelava-se às normas matrimoniais, era regimental e indiferente às perspectivas de fruição. Sua função era alicerçar as relações verticais, essenciais à manutenção daquilo que Bauman chamou de capitalismo pesado. As incursões amorosas eram controladas por dispositivos sociopolíticos de modo a manter certas divisões, como as de classe, gênero, etnia, nacionalidade, etc. Na modernidade, essencialmente horizontalizada, fluída, o leque de sentidos, afetos e experiências articulados ao significante amor encontra poucas barreiras na cultura.

Por suposto, enquanto significante, o amor permite uma apreensão no nível do discurso. Suas concepções estão na cultura e partem do conjunto de significantes que



o Outro abarca. Está na filosofia, nas religiões, nas artes, nos romances familiares, nos apelos publicitários e nas propagandas. Deste modo, o crivo de sua nomeação passa por um encadeamento significante no campo do Outro; por um discurso que antecede o sujeito e orienta suas relações.

Tomando a perspectiva do discurso em psicanálise, sinaliza-se sua equivalência ao laço social. O discurso é a dimensão das possibilidades de organização social na cultura, de se constituir, gozar e saber. Lacan elenca quatro discursos centrais em 1969 no seminário *O Avesso da Psicanálise*, a saber: o discurso do mestre, da universidade, da histórica e do analista. Adiante, em escritos e conferências datados da década de 70, o psicanalista apresenta uma variação do discurso do mestre – o discurso do capitalista.

Na dinâmica do discurso do capitalista, podemos encontrar ressonâncias das facetas do amor líquido. Quinet (2010, p. 39) argumenta: (...) O que caracteriza o discurso capitalista é a forclusão da castração, a negação da diferença. Nele, o sujeito não faz laço, mas se relaciona apenas com objetos-mercadorias. Em *Sociedade de consumo* de Jean Baudrillard, de modo consonante, argumenta-se que a multiplicação de objetos de consumo impele o homem a se relacionar com bens em detrimento das relações com seus pares.

Sobre o uso do conceito de “forclusão da castração” por Quinet, pode-se pensar em sua apropriação a partir de uma maleabilidade, de uma elasticidade do conceito cujo intuito é auxiliar na problematização do discurso capitalista e compreender suas marcas. Trata-se de um discurso que, tal como a estrutura psicótica, não faz laços. Ele é atravessado pela errância, pelos curtos-circuitos circuitos do gozo e pelas efemeridades que impossibilitam elaborações de sentidos.

No vértice dessa discussão, Žižek comenta: a atual constelação político-ideológica se caracteriza pela busca da autorrealização e do autocontrole. Os sujeitos investem no cuidado de si – vida saudável, estética, carreira - e na busca de uma felicidade associada aos prazeres individuais. Como comenta a atriz Francesca Annis: a felicidade é “uma mercadoria importada dos Estados Unidos na década de 1950” (ŽIŽEK, 2011, p. 393).

Há no discurso capitalista, um imperativo de gozo não-compartilhado. Uma prerrogativa de que a libido esteja investida inteiramente no corpo (autoerotismo), sem passar pela alteridade. Em sua *Introdução ao Narcisismo*, Freud argumenta que os esquizofrênicos investem toda sua libido no *eu*, abandonando os objetos do mundo

externo. Deste modo, eles se comportam como se ainda estivessem no período do narcisismo primário. A partir dessa citação, pode-se pensar que há uma dimensão psicótica no discurso capitalista, que não implica uma estrutura clínica dessa ordem (FREUD 1914/2010, p. 15).

Observa-se, com base nas articulações, uma associação entre investimento narcísico e felicidade. A cultura do eu e da masturbação da imagem vai ao encontro das promessas de uma felicidade *prêt-à-porter, estampada em outdoors, pujante nas propagandas e nas ofertas afetivas e sexuais ofertadas em aplicativos*. Aposta-se no alcance de um *ideal de eu* na cópula com as mercadorias, negando-se a impossibilidade de atingi-lo.

O discurso capitalista, articulado no bojo da globalização, encontra-se com o conceito de capitalismo leve proposto por Bauman, pois revela a fluidez das relações e a vulnerabilidade dos laços sociais face aos imperativos do mercado. Neste discurso, o outro tem sua dimensão reduzida à de uma mercadoria consumível.

Bauman, (2009), aponta que os sujeitos modernos têm se perdido com assaz facilidade nas delimitações do desejo e do amor. Deseja-se o amor como objeto de consumo e busca-se desenvolver uma prática indolor no ato de amar, imune à angústia e ao sofrimento.

Sobre esse aspecto do amor líquido, Nasio, comentando Freud, destaca que: “Nunca estamos tão mal protegidos contra o sofrimento como quando amamos, nunca estamos tão irremediavelmente infelizes como quando perdemos a pessoa amada ou o seu amor” (NASIO 1997, p. 27).

Freud, em *O Mal-Estar na Civilização* (1930), afirma que as possibilidades de felicidade estão sempre restritas por nossa constituição, de modo que o sofrimento nos ameaça de três direções: do nosso próprio corpo, condenado à decadência e à dissolução, do mundo externo e do nosso relacionamento com o outro, talvez o mais penoso de todos. Tendemos a crer, a despeito da experiência demonstrar o contrário, que o sofrimento das relações venha como um acréscimo e possa ser evitado (FREUD, 1930/2006, p. 85).

Interessante perceber, a partir da perspectiva de Freud, como a crença da evitação do sofrimento nos encontros, foi apropriada de maneira eficiente, ao menos em seu aspecto propagandístico, pelos discursos da modernidade. Estes discursos cooptam sujeitos por tocar em algo que lhe é constituinte: seu narcisismo. Nivelam-se os sujeitos ao patamar da “Sua Majestade, o bebê”, escandindo do universo de suas

relações amorosas, o que está na letra<sup>3</sup>: “é impossível ser feliz sozinho” e, por acréscimo, com o outro.

No início do capítulo 4, Bauman trata de algumas questões concernentes à posição do estrangeiro na modernidade e as similitudes entre as características dos campos de refugiados e os traços da globalização. O autor, expõe:

Um espectro paira sobre o planeta: o espectro da xenofobia. Suspeitas e animosidades tribais, antigas e novas, jamais extintas e recentemente descongeladas, misturaram-se e fundiram-se a uma nova preocupação, a da segurança, destilada das incertezas e intranquilidades da existência líquido-moderna (BAUMAN, 2009, p. 143).

A xenofobia, essa aversão ao estrangeiro que se desenvolve, sobretudo, na relação imaginária do eu com o outro, parte de um aspecto constituinte do sujeito - a relação especular trabalhada por Lacan no estádio do espelho - e atravessa os discursos da cultura que culminam nas formas de violência e segregação correntes na sociedade.

As suspeitas e animosidades componentes do discurso xenóforo, como Bauman ressalta, e Freud trabalha em obras como *Psicologia das Massas e Análise do Eu* (1921) e *Mal-estar na Cultura* (1930), são históricas. Suas marcas estão nos genocídios, na escravidão e outras formas de anulação do outro. Todavia, atentos ao que Bauman e alguns autores contemporâneos discutem, o discurso científico acoplado aos modos de produção em série, sinalizam a sistematização das formas de segregação e dizimação do inimigo. Esse inimigo passou a ser encarado, sobretudo após as experiências dos campos de concentração nazistas, como um lixo humano, um excesso a ser derradeiramente solucionado.

Koltai (2000), comenta que para Lacan, o Holocausto não foi uma tragédia isolada que nunca mais se repetirá. O discurso científico utilizado na racionalidade tecnológica dos campos de extermínio foi apenas um precursor das formas de segregação. Lacan, ainda, questionando-se sobre o lugar do gozo no mundo atual, indica que, aturdidos pelos imperativos do gozo e atravessados pelo enigmático gozo do outro – estrangeiro – intensificamos os processos de segregação.

Nesse sentido, Quinet argumenta:

---

<sup>3</sup> Trecho da canção Wave de Antônio Carlos Jobim.

O discurso do capitalista não é regulador, ele é segregador. A única via de tratar as diferenças em nossa sociedade científica capitalista é a segregação determinada pelo mercado: os que têm ou não acesso aos produtos da ciência. Trata-se, portanto, de um discurso que não forma propriamente laço social, mas segrega. Daí a proliferação dos sem: terra, teto, emprego, comida etc. Os que estão with, no discurso capitalista são out: os without. Quem está com (o capital) está sem (o capital), sua lógica obriga (QUINET, 2010, p. 40).

As incertezas e intranquilidades da modernidade líquida, emergentes no horizonte gozoso que o mercado, na ausência das estruturas e dispositivos verticais e reguladores, nos impõe, direcionam a fonte da angústia para o desconhecido – outro que goza de maneira estranha.

Incapazes e indispostos a lidar com esses estranhos objetos, os sujeitos da modernidade líquida, os liquidam, os dispõe em guetos e campos - locais onde sua aparição espectral não possa intervir sobre suas frágeis verdades.

No que concerne às similitudes entre os campos de refugiados e os aspectos da globalização, faz-se possível pensar na banalização do uso dos dispositivos móveis como algo paradigmático e condensador dos predicativos da modernidade líquida. No universo de um celular, não há território, o espaço é fluido, veloz, as identidades são construídas como avatares pretensamente ideais. Tudo é transitório, da amizade facilmente desfeita com um toque na tela ao invejado perfil no Instagram.

São relações de bolso, onde o estar com (*with*) amigos, amores, fãs é sempre estar sem (*without*). Os espaços públicos estão repletos de indivíduos transitando com seus celulares na mão. Eles estão encapsulados narcisicamente no universo de seus dispositivos. Circulam, se cruzam, mas não fazem laços com o outro ao lado – sólido, palpável. Esse outro pode ser alguém, mas é apenas um corpo. Segue-se navegando no *feed*.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

De modo geral, percebe-se que os imperativos do amor líquido e suas reverberações, buscam construir a fantasia de uma paradoxal completude, pois ao mesmo tempo que o sujeito é impelido a se completar com objetos encarnados em mercadorias e pessoas, também precisa ser autossuficiente, bastar-se sem o outro. Vemos que essa perspectiva nega o horizonte da castração e, portanto, a dimensão constitucional do sujeito e sua necessidade de formar laços.

O amor, não obstante seu estatuto significante e sua conseqüente variância sócio histórica e subjetiva, só pode se constituir, se corresponder com outros

significantes, pela mediação de um outro que sustenta a fantasia da relação amorosa. Portanto, somente a partir da trilha desejante do sujeito, em seus enlaçamentos, vínculos e na elaboração e significação dos afetos que o assaltam na impossibilidade de atingir um *ideal de eu*, faz-se possível amar.

Salienta-se que a psicanálise, enquanto dispositivo clínico pautado na escuta e na ética do desejo, não se propõe a estabelecer normas, impor discursos que cerceiem o significante amor ou, tampouco, preconizar modos ideais de relação. Sua proposição é a da escuta e da interrogação do mal-estar na cultura, daquilo que, seja no estado sólido, líquido ou gasoso, atua sobre o inconsciente, produzindo sintomas e demandando análise.

## REFERÊNCIAS

- BAUMAN, Zygmunt (2009). *Amor Líquido – Sobre a Fragilidade dos Laços Humanos*. Rio de Janeiro: Editora Zahar.
- \_\_\_\_ (2000). *Modernidade Líquida*. Rio de Janeiro: Editora Zahar.
- FREUD, Sigmund (1912). *Observações sobre o amor transferencial*. Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud. Vol. XII. 1ª ed. Rio de Janeiro: Editora Imago, 2006.
- \_\_\_\_ (1914). *Introdução ao Narcisismo*. Ensaios de Metapsicologia e Outros Textos. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.
- \_\_\_\_ (1921). *Psicologia de Grupo e Análise do Ego*. Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud. Vol. XVIII. 1ª ed. Rio de Janeiro: Editora Imago, 2006.
- \_\_\_\_ (1932[1929]). *Mal-Estar na Civilização*. Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud. Vol. XXI. 1ª ed. Rio de Janeiro: Editora Imago, 2006.
- KOLTAI, Caterina (2000). *Política e Psicanálise*. O Estrangeiro. São Paulo: Escuta.
- LACAN, Jaques (1953-1954). *O Seminário I “Os escritos técnicos de Freud”* - Livro 1. 1ª ed. brasileira. Rio de Janeiro: Editora Zahar, 1986.
- \_\_\_\_ (1960-1961). *O Seminário Livro 8 “A Transferência”*. 1ª ed. Rio de Janeiro: Editora Zahar, 1992.
- \_\_\_\_ (1962-1963). *O Seminário Livro 10 “A Angústia”*. 1ª ed. brasileira. Rio de Janeiro: Editora Zahar, 2005.
- NASIO, J. David (1997). *O livro da dor e do amor*. Rio de Janeiro: Zahar.
- QUINET, Antônio (2006). *Psicose e Laço Social*. 2.ed. Rio de Janeiro: Zahar, 2010.
- ROSA, Gresiela Nunes (2003). *O que sustenta uma relação amorosa?* 1ª ed. Tubarão: Editorial Studium.
- ZIZEK, Slavoj (2008). *A Visão em Paralaxe*. 1ª ed. brasileira revista. São Paulo: Boitempo, 2011.

## **PSYCHOANALYTIC PERSPECTIVES ABOUT LOVE AND SOCIAL TIES IN MODERNITY BASED ON THE ZYGMUNT BAUMAN'S WORK "LIQUID LOVE"**

### **ABSTRACT**

This paper proposes a theoretical approach between the knowledge of psychoanalysis and the work of the sociologist Zygmunt Bauman. Starting from Bauman's elaborations on the concept of liquid love and following the trails of Freud and Lacan, in their theoretical constructions on the dimension and the vicissitudes of the significant love, the following paper aims to listen and interrogate the resonances of liquid love in subjectivities and in the social ties that constitute modernity. Moreover, it's important to remark that this work doesn't seek to develop a comparative between the two theoretical currents, but to promote an interlocution between them.

**KEYWORDS:** Love. Desire. Modernity. Psychoanalysis, Zygmunt Bauman.

## **PERSPECTIVES PSYCHANALYTIQUES SUR L'AMOUR ET LES LIENS SOCIAUX DANS LA MODERNITÉ À PARTIR DU TRAVAIL "AMOUR LIQUIDE" DE ZYGMUNT BAUMAN**

### **RÉSUMÉ**

Ce article propose une approche théorique entre la connaissance de la psychanalyse et le travail du sociologue Zygmunt Bauman. Partant des élaborations de Bauman sur le concept d'amour liquide et en suivant les traces de Freud et de Lacan, dans leurs constructions théoriques sur la dimension et les vicissitudes du signifiant amour, nous cherchons à écouter et à interroger les résonances de l'amour liquide en subjectivités et dans les liens sociaux qui constituent la modernité. De plus, il est souligné que ce travail ne cherche pas à développer une comparaison entre les deux courants théoriques, mais à promouvoir une interlocution entre les deux.

**MOTS-CLÉS:** Amour. Désir. Modernité. Psychanalyse, Zygmunt Bauman.



*Perspectivas Psicanalíticas Sobre Amor E Laços Sociais Na Modernidade A Partir  
Da Obra ``Amor Líquido`` De Zygmunt Bauman*

Recebido em: 19-02-2019

Aprovado em: 14-05-2019

© 2019 Psicanálise & Barroco em revista

<http://www.seer.unirio.br/index.php/psicanalise-barroco/index>  
[revista@psicanaliseebarroco.pro.br](mailto:revista@psicanaliseebarroco.pro.br)

Programa de Pós-Graduação em Memória Social — UNIRIO.

Memória, Subjetividade e Criação.

<http://www.memoriasocial.pro.br/proposta-area.php>